

**BOND, LUCY; CRAPS, STEF. *TRAUMA*.
ABINGDON: ROUTLEDGE, 2020. 174 PP.
(THE NEW CRITICAL IDIOM)**

Joyce Silva Fernandes¹

Em *The Age of Extremes: The Short Twentieth Century 1914-1991* (1995), o historiador inglês Eric Hobsbawm caracterizou o século XX pela quantidade única de catástrofes humanas, como a Revolução Russa de 1917, as duas grandes guerras, crises econômicas e genocídio sistemático, evidenciando a relevância de compreender os diferentes tipos de traumas desencadeados por esse contexto. *Trauma*, de Lucy Bond e Stef Craps, apresenta-se como um guia necessário para a compreensão da elasticidade do termo trauma e de sua aplicabilidade para os estudos culturais e literários. Nesse horizonte, o livro explora as distintas concepções de “trauma” a partir do século XIX, além de apresentar possíveis definições e aplicações práticas no campo dos estudos literários, reconhecendo sua disseminação como categoria crítica no meio acadêmico. Escrito por professores em departamentos de literatura inglesa – Lucy Bond, na Universidade de Westminster, no Reino Unido, e Stef Craps, Universidade Ghent, na Bélgica –, o volume faz parte de uma série de publicações intitulada *The New Critical Idiom*, cujo objetivo é elucidar termos cruciais para os estudos de teoria literária de forma introdutória.

Organizado em quatro capítulos, compostos de subseções temáticas, o livro faz uma abordagem cronológica e descritiva do tema, trazendo

¹ Doutoranda em Estudos Portugueses e Brasileiros pela Brown University (EUA): <joyce_fernandes@brown.edu>.

já na primeira página uma lista dos tópicos considerados úteis para o leitor. Seu argumento principal se refere à impossibilidade de definir trauma de forma única por sua adaptabilidade a diferentes contextos sociais, históricos e culturais. Nesse sentido, o termo é tratado como uma ferramenta à análise de produção artística em geral, mas incapaz de solucionar todas as questões sobre representação nela encontradas.

O primeiro capítulo, “The History of Trauma”, apresenta as noções iniciais de trauma como uma condição psicológica surgida e constituída a partir de processos da modernidade. Começa relacionando trauma e novas experiências vividas através do processo de industrialização do final do século XIX e indicando o surgimento de novas terminologias que possam descrever tais condições, como neuroses, ansiedades e histeria. Posteriormente, o capítulo relaciona o termo e as grandes guerras que marcaram a primeira metade do século XX, explorando os estudos feitos por Janet, Charcot e Sigmund Freud. Aborda-se desde a criação de novas expressões para lidar com traumas do pós-guerra, a elaboração de um manual descritivo de transtornos mentais, até a adoção do termo por movimentos feministas nos anos 1970 e 1980. Esse panorama histórico demonstra a relevância do termo trauma na compreensão da contemporaneidade.

No segundo capítulo, “Words for Wounds”, o conceito é observado no contexto dos estudos literários. Bond e Craps apresentam os trabalhos pioneiros surgidos a partir da década de 1990, que redirecionaram o foco sobre a questão do trauma, até então entendido mais amplamente como objeto de análise clínica, para os estudos culturais e literários. Partindo da controversa afirmação de Theodor Adorno, “to write poetry after Auschwitz is barbaric” (p. 46), e de suas diversas interpretações e implicações, explora-se a contradição entre a necessidade e a impossibilidade de representar o trauma do Holocausto. Eles destacam alguns dos estudos desenvolvidos sobre produções artísticas derivadas de um dos eventos mais impactantes do século XX, sendo muitos desses autores influenciados por Adorno, como Steiner, Blanchot e Lyotard. Em relação ao campo da teoria literária, são destacados Caruth, Hartman e Shoshana Felman, herdeiros do desconstrutivismo de Derrida e de Man, da escola de Yale, composto por Martha Nussbaum e Dori Laub. Os autores identificam o livro *Unclaimed Experience: Trauma, Narrative and History*, publicado em 1996, de Caruth, como pioneiro nos estudos literários sobre o conceito. Novas terminologias cunhadas por esses

estudiosos também são esclarecidas nesse e nos capítulos subsequentes, e podem ser referidas individualmente, fora do contexto apresentado nos capítulos, no glossário ao final do livro. Esse levantamento sistematiza de forma singular as pesquisas sobre trauma para os estudos literários e culturais.

No terceiro capítulo, “Trauma Theories”, Bond e Craps apresentam novas perspectivas sobre a questão, surgidas em resposta às – ou como desdobramento das – primeiras teorias, elucidadas no capítulo anterior. Com ênfase nos trabalhos de Dominick LaCapra, Marianne Hirsch, Alison Landsberg e Ann Kaplan, são abordados conceitos fundamentais para o desenvolvimento da teoria literária do trauma como “acting-out” e “working-through” (LaCapra), “pós memória” (Hirsch), trauma histórico, trauma estrutural, “emphatic unsettlement” (LaCapra), trauma transgeracional, memória protética (Landberg), trauma mediado em massa (Kaplan), entre outros.

O capítulo ainda explora críticas às teorias surgidas nos anos 1990 com os estudiosos da escola de Yale, principalmente por meio da figura de Hungerford, que questiona as diferentes formas de personificação do texto e as falhas em distinguir texto e vida real, identificadas principalmente nos trabalhos de Caruth e Felman. São igualmente indicadas noções mais recentes, como a de “trauma transcultural” (Erikson), trauma coletivo e trauma cultural, observando uma mudança na abordagem do tema, que passa a ser entendido como uma construção social proveniente do coletivo e que impacta o todo. Exemplos desse ponto de vista são os trabalhos realizados por Arthur Neal, Ron Eyerman e Jeffrey Alexander. A compilação desses estudos, mesmo que de forma introdutória, viabiliza o entendimento de trauma como uma categoria importante na compreensão de produções artísticas.

O quarto e último capítulo, “The Future of Trauma”, concentra-se no detalhamento de desenvolvimentos recentes no campo da teoria do trauma e nas possibilidades de renovação reveladas por eles. Enfatiza-se a necessidade de descolonizar os estudos sobre trauma para observá-lo como um fenômeno global. Entre os trabalhos fundamentais para essa mudança de perspectiva estão *Black Skin, White Masks* (Frantz Fanon), *Discourse on Colonialism* (Aimé Césaire), *The Origins of Totalitarianism* (Hannah Arendt), *The Black Atlantic* (Paul Gilroy), além das pesquisas realizadas pelos próprios autores do livro. Aponta-se também para o trabalho de Michael Rothberg sobre memória multidirecional e para práticas representacionais além da literatura, como cinema, teatro e videogames. O capítulo contempla ainda estudos sobre o trauma do

perpetrador de crimes, uma noção ainda controversa entre os estudiosos. Os autores, por fim, propõem uma visão do futuro do trauma, com ênfase em um novo tipo de reação, caracterizada por *stress* pré-traumático, principalmente relacionado às tensões e expectativas de mudanças e catástrofes climáticas e ambientais.

Apesar de parecerem estar mais alinhados às ideias defendidas pelos pioneiros desses estudos, os autores afirmam que revisões das teorias seminais dos estudos sobre trauma são necessárias. Para eles, o futuro do campo depende de sua possibilidade de renovação, pluralização e diversificação, urgindo ultrapassar os limites do mundo ocidental ao contemplar questões relacionadas a colonialismo, raça e gênero, por exemplo.

Trauma não tem como objetivo principal trazer novos olhares sobre o campo, mesmo que apresente tendências de pesquisa mais recentes e inclua a visão dos próprios autores sobre as possibilidades futuras do trauma. O livro também não traz novos conceitos, sendo mais uma compilação das ideias já em circulação, de forma didática e pedagógica.

De maneira geral, a obra é bem-sucedida em seu intento de delinear a trajetória histórica dos estudos de trauma e sua aplicação na análise literária e em outros meios de produção artística e cultural. Fatos históricos, pesquisadores, obras, estudos e termos mais importantes para o desenvolvimento do campo são apresentados ao leitor em linguagem clara e sucinta. Essa é, certamente, uma obra de referência e consulta rápida, útil para o pesquisador mais experiente, ao mesmo tempo que funciona como material introdutório de fácil acesso e entendimento para estudantes iniciantes na área. Nesse sentido, o livro cumpre sua pretendida e anunciada função de manual ou de guia, já que explora todos os momentos e temas mais relevantes para os estudos de trauma, sem deixar de suscitar reflexões sobre o tema.

REFERÊNCIAS

HOBSBAWM, Eric. *The Age of Extremes: The Short Twentieth Century 1914-1991*. Londres: Abacus, 1995.

Recebido: 9/7/2020

Aceito: 7/4/2021

Publicado: 23/6/2021